

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho
Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XXII

SETEMBRO DE 1961

N.º 180

PÁGINA EDITORIAL

Prezados Irmãos:

A Semana de Oração

No próximo mês de Novembro realizar-se-á, em todo o Mundo Adventista, a Semana de Oração, de 11 a 18.

É um grande privilégio que o Senhor nos concede o de podermos assistir, mais uma vez, à Semana de Oração.

Vamos já fazendo os nossos planos para assistirmos, todas as noites, a essas abençoadas reuniões, nas quais sentimos bem nitida a presença de Deus e dos seus anjos com as suas bênçãos e santas inspirações.

Com muito prazer vos anunciamos, prezados Irmãos e Irmãs, que já se encontram impressos os números da nossa REVISTA ADVENTISTA com as leituras da Semana de Oração.

Por isso dirigimos um apelo aos nossos Irmãos e prezadas Visitas que não são assinantes da REVISTA ADVENTISTA, no sentido de adquirirem aquele número referente à *Semana de Oração* para que mais fácil e atentamente possam seguir as leituras, escritas, propositadamente preparadas por alguns dos nossos Irmãos de maior responsabilidade e experiência na Obra.

O ideal seria que todos quanto assistem às reuniões pudessem acompanhar com os seus próprios olhos as leituras.

O novo ano escolar

Quando este número da REVISTA ADVENTISTA for distribuído, já os nossos filhos estarão a frequentar as aulas.

Ainda não foi possível, neste ano lectivo, — como de resto já se previa — abrir a nossa Escola de Pero Negro.

É necessário, prezados Irmãos e Irmãs, que nos esforcemos, adentro de todas as nossas possibilidades, por conseguirmos pôr a funcionar a nossa Escola. Aproveitemos, desde já, a próxima *Semana de Oração* para suplicar ao Senhor que se digne remover todos os obstáculos e dificuldades para que a nossa Escola seja, muito em breve, uma positiva realidade.

O Ano do Espírito de Profecia

Não deixemos findar este ano, sem termos adquirido, pelo menos, um livro dos inspirados escritos do Espírito de Profecia.

Façamos o propósito de dedicar, todos os dias, alguns minutos à leitura das obras da Irmã White, nas quais encontraremos as melhores páginas de toda a literatura mundial, depois da Palavra de Deus.

Esforço de Evangelização

Vão principiar, dentro em breve, prezados Irmãos, os esforços de Evangelização, como é norma, nesta altura, nas nossas Igrejas. A todos nos é dirigido o convite para colaborarmos, generosa e entusiasticamente, nos trabalhos de evangelização, conforme as nossas aptidões. Lembremo-nos de que há trabalho para todos, sem excepção. «A disseminação da verdade de Deus não se limita a alguns poucos ministros ordenados. Ela deve ser difundida por todos os que professam ser discípulos de Cristo. Precisa ser semeada sobre todas as águas». (*Serviço Cristão*, págs. 40, 41).

Há trabalhos para todos, sem excepção, na Obra do Senhor. Assim como no corpo todos os membros desempenham a sua própria função, assim acontece na Igreja de Deus, onde todos têm a sua função especial.

Irmãos e Irmãs! Temos a firme certeza de que Deus nos dirige um apelo veemente para trabalharmos, ainda este ano, na Campanha de Evangelização. E se for este ano, o nosso último ano de vida?

Temos nós a certeza, prezados Irmãos, de que Deus ainda nos concede mais um ano de vida, para podermos trabalhar na grandiosa obra da salvação das almas?

Façamos, pois, de conta, que é este o nosso último ano de vida. Esforcemo-nos, portanto, por cooperar com todo o entusiasmo no esforço de Evangelização que em breve teremos diante de nós.

A. Casaca

A Assembleia da União Portuguesa

Não tendo sido possível, por falta de espaço, concluir a reportagem referente aos Relatórios apresentados pelos Obreiros, na última Assembleia da União Portuguesa, apresentamos, agora, a continuação daquela reportagem, com as nossas desculpas pelo atraso, totalmente alheio à nossa vontade.

Prosseguindo na apresentação dos Relatórios, subiu à tribuna o Evangelista Artur Oliveira que tem a seu cargo a igreja de Portalegre. Principiou por saudar os Irmãos acrescentando que se encontrava, há cerca de sete meses, no seu campo de trabalho, que está disperso numa área de 150 quilómetros. Só com a graça de Deus é possível efectuar o trabalho em tais circunstâncias, pois trata-se de terras, que embora já tenham ouvido, há muito tempo, a Mensagem, contudo, nota-se que há o receio de se fazerem decisões por causa do respeito humano. A igreja de Portalegre conta 85 membros. O Irmão Oliveira manifestou a sua satisfação pelo esforço de evangelização simultâneo em vários locais, auxiliado pelos bons irmãos portalegrenses. Não ocultou o contentamento pela cerimónia baptismal, fruto dos seus esforços animados pela graça de Deus, em que baixaram às águas baptismas quatro preciosas almas, das quais duas de Castelo de Vide, que se até então tem sido um castelo inexpugnável, parece que está agora a patentear as portas à Mensagem. Depois de se referir a algumas experiências relacionadas com a Escola Rádio-Postal, o Irmão Oliveira concluiu a sua exposição pedindo a favor do trabalho no seu campo a simpatia e as orações dos Irmãos. E terminou: «A Sr.^a White diz que há lugares em que em vez de um obreiro deveriam estar dez; um desses lugares é Portalegre».

Sobe, depois, à tribuna o Pastor Marcelino Viegas que tem a seu cargo a igreja de Alvalade; principiou por declarar que tinha pouco a dizer. Referiu-se ao seu campo de actividade, esclarecendo que

além da igreja de Alvalade tem, ainda a seu cargo, Pinheiro Velho de Sacavém, Charneca do Lumiar, Galinheiras, Amadora e Odivelas. Em todos estes lugares se encontram pessoas bastante interessadas na busca da Verdade. Confessando que se sente muito esperançado na sementeira que se está fazendo, terminou dizendo que se este ano não houver colheita, haverá para o ano, «pois o que importa é semear — rematou — e isso estamos fazendo com a ajuda do Senhor».

Ocupou, depois, a tribuna o Pastor Manuel Miguel que tem a seu cargo a igreja de Setúbal e a Cova da Piedade. «Diz-se que Tubalcaim arribou ao porto de Setúbal — assim principiou o Pastor Miguel. Desejo que o povo de Setúbal não expresse os sentimentos daquele personagem. O Senhor tem-nos dado a alegria de trabalharmos em Setúbal e na Cova da Piedade. Temos uma igreja grande que conta 106 membros. Temos visitado antigos irmãos e graças a

Deus alguns deles já voltaram a frequentar a igreja. Sentimo-nos animados, porque a Mensagem tem sido aceita por várias famílias. Efectuamos, como é natural, o esforço de evangelização. Temos em projecto a construção do novo edifício para a igreja setubalense. Lembrem-se, Irmãos, nas vossas orações, do trabalho em Setúbal e na Cova da Piedade. Os alvos, pela graça de Deus têm sido alcançados.

Não a nós, Senhor, mas a Ti seja dada a glória».

Todos os delegados das nossas várias igrejas que assistiram à apresentação dos Relatórios dos nossos Obreiros seguiram, sempre, com muito interesse as exposições apresentadas.

Que Deus abençoe, grandemente, o trabalho dos seus servos nos seus lugares de actividade e que possam eles ter a grande consolação de levar muitas preciosas almas aos pés do Salvador.

Maria Rosa Baptista

NO CORAÇÃO DA SELVA PERUANA

ED. BRYAN

Temos entre os Índios Campa da selva peruana fiéis ganhadores de almas. Um deles, Abel Fieta, levou, recentemente a Jesus 16 pessoas. Um outro, Martin Campos tem, literalmente, salvo muitas pessoas que, vivendo em território não civilizado, estavam nas mãos dos feiticeiros e condenadas à morte.

Transportou-as na sua canoa até à Missão, onde encontraram refúgio. Ensinou-lhes a verdade, e passaram das trevas para a luz.

Os evangelistas-voluntários Oseas Tapa e Eusébio Tomás fundaram, este ano, uma nova igreja de 65 membros.

São estes, apenas alguns exemplos do magnífico trabalho efectuado pelos nossos fiéis evangelistas-voluntários.

Centenas deles regozijam-se na Mensagem Adventista. São extraor-

dinariamente escrupulosos no que diz respeito ao dízimo. Pagam-no de todas as suas colheitas e da pesca. São também fiéis no seu trabalho que, quando as margens estão inundadas, é perigoso.

José Segundo e João Ucayali provaram que estão prontos a fazer, mesmo nas mais difíceis circunstâncias, tudo o que podem a favor das almas perdidas. Vão descalços através da selva para falarem de Jesus aos seus compatriotas pagãos. Formam um dos oito pares de evangelistas-voluntários da estação missionária de Nevati. Têm ganho muitas almas para Jesus e continuam a ganhá-las, erguendo bem alto o pendão da verdade nas selvas do Peru. Cumprem a missão divina de pregar a Mensagem a todo o povo e a toda a tribu.

Que Deus os abençoe.

O DIA DA MORDOMIA CRISTÃ

23 DE SETEMBRO

Quanto é que devemos a Deus?

É bom, de quando em vez, que os filhos de Deus considerem, cuidadosamente, e em oração, as suas obrigações e deveres para com o Senhor, para que possam rever a sua conduta, no que diz respeito às responsabilidades que têm para com as coisas de Deus. Se assim não fizermos, certamente que não estaremos em condições de cumprir, fielmente, os nossos deveres para com o nosso Criador. Consideremos como somos devedores para com Deus, que nos deu todo o nosso ser, as nossas capacidades físicas, mentais e espirituais. Quem é que nos tem preservado de tantos perigos e nos tem socorrido em todas as nossas necessidades?

Em primeiro lugar, somos devedores a Deus, da nossa vida, que d'Ele recebemos. É Deus que, agora mesmo nos conserva a vida, em cada minuto, em cada momento. Não podemos viver um só momento não podemos viver um só minuto sem Ele. A vida que agora, neste momento, estamos gozando, procede de Deus; a vida, que esperamos ter amanhã, também tem de proceder de Deus. A primeira coisa que o Senhor deseja de cada um de nós é a entrega incondicional e a inteira consagração de tudo quanto temos e do que somos, ao Seu serviço. O nosso Pai celeste pagou o mais elevado preço para remir as nossas vidas (Rom. 12:1); devemos, portanto, a Deus as nossas vidas para o Seu serviço.

Em segundo lugar devemos a Deus o Sétimo Dia de cada semana. O Sétimo Dia é o Sábado, o Dia do Senhor. É um dia santo, designado para o Seu culto e serviço, de acordo com as indicações que nos são dadas na sua Santa Palavra. Necessitamos de ter todas as garantias de que guardamos o Sétimo Dia, como Deus determinou.

Em terceiro lugar, nós devemos a Deus um décimo de todos os

nossos ganhos e lucros. Um décimo de tudo quanto adquirimos pertence a Deus. O dízimo é santo para o Senhor; por isso não pode ser empregado, sob pena de transgressão, em qualquer uso comum.

Também não pode ser substituído, por qualquer outro sistema, sob pena de castigo divino. Todos os bens do homem, quer sejam avultados ou pequenos, pertencem a Deus.

Portanto, nunca devemos esquecer que somos despenseiros e não proprietários do que possuímos, pois tudo pertence ao Senhor. Tudo quanto temos e tudo quanto gozamos é de Deus.

A nossa capacidade de ganharmos dinheiro também nos veio de Deus e a Ele pertence.

Deste modo, é nossa obrigação ajudar a promover e a expandir o reino de Deus nos corações dos homens. Se não pudermos pregar, se não pudermos ir, pessoalmente, para os campos missionários, ainda mesmo assim somos despenseiros de Deus e seus obreiros, na fábrica, no campo, no escritório, no armazém, onde quer que nos encontrarmos.

Somos uma parte vital deste grande movimento; portanto, temos de cooperar necessariamente para a vinda do reino de Deus, tal como o pregador ou o missionário, fazendo-o com o pagamento do que devemos a Deus, com o dízimo dos nossos proventos que temos de entregar no tesouro de Deus.

Em quarto lugar, também devemos a Deus as ofertas pelos nossos nove-décimos «pois Ele deu-nos prosperidade».

Temos na palavra de Deus sugestões para o que devemos dar, embora nos sintamos, mais ou menos livres quanto ao montante das ofertas que devemos fazer. Já assim não acontece a respeito do dízimo, pois Deus indica, clara e explicitamente, neste ponto, o quan-

titativo: *um décimo*, nem mais, nem menos. Mas as ofertas livres e voluntárias trazem consigo uma bênção adicional. Deus conhece a disposição para darmos. «O princípio estabelecido por Jesus é que as nossas ofertas a Deus devem estar na proporção da luz e dos privilégios que houvermos recebido.

'A quem foi dado muito, também muito lhe será pedido'. Disse o Salvador aos discípulos, quando os enviou: 'De graça recebestes, de graça dai'. (*Patriarchs and Prophets*, pág. 528). Não há segredos acerca de valores, que Deus não conheça; mas se recusarmos a Deus o que Lhe pertence, com que direito poderemos reclamar as suas bênçãos?

Prezados Irmãos! Como vos encontráis, neste momento, a este respeito, perante o Senhor nosso Deus? Tendes pago a Deus o que Lhe pertence? Tendes em dia as vossas contas com Deus?

Estais consagrando ao Senhor a vossa vida, em cada dia que passa, guardando o seu santo Sábado, entregando, no tesouro o seu dízimo, e dando as ofertas na proporção que vos tem dado prosperidade?

Se não tendes feito assim, não demoreis em reparar este mal, pois que, procedendo desse modo, estais-vos roubando a vós mesmos, porque vos privais de uma grande bênção.

Muito em breve, as nossas vidas vão ser pesadas na balança; muito em breve, Jesus vai voltar, e, então, todos e cada um de nós teremos de responder, sem subterfúgios a esta pergunta:

«Quanto devo eu a Deus?».

Que todas as nossas contas para com Deus estejam, perfeitamente, em regra e devidamente saldadas!

B. J. Kohler

Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia

FIGURAS FEMININAS DA BÍBLIA

POR LÍDIA LÍPPOLIS

Não são muitas as mulheres, na Bíblia que saltam para fora da sombra da sua missão para realizar qualquer coisa de grande; mas, em algumas circunstâncias Deus serviu-se precisamente de uma e outra mulher para efectuar algo verdadeiramente extraordinário.

Entre as mulheres excepcionais, recordadas no livro sagrado, destaca-se Débora, que nos é descrita como profetisa, juiz do povo, libertadora de Israel e poetisa. Mas antes de passarmos ao episódio que a tornou grande e célebre, será conveniente recordar qual era a situação daquela época em Israel.

O Senhor tinha cumprido fielmente a sua promessa: o país de Canaã havia sido conquistado e distribuído entre as várias tribos de Israel. Além disso Deus dissera que expulsaria, pouco a pouco, os Cananeus daquele território (Êxo. 23:29, 30). Mas os Israelitas quando se encontraram na posse da terra prometida nada fizeram para eliminar «pouco a pouco» aqueles que até àquele momento eram os senhores daquela terra. E vieram as consequências: o povo de Deus tornou-se negligente e indolente e em contacto com os Cananeus, agora pacificados, não viam necessidade de os expulsar do seu país. O historiador Giuseppe Ricciotti na «História de Israel», descreve assim os acontecimentos: «Da intervenção taumatúrgica de Jeová parecia que já não havia nenhuma necessidade, como acontecera no passado; agora as coisas corriam bem: bastava que pudessem fazer os trabalhos agrícolas, que viesse a chuva no tempo oportuno ... Mas, quem é que enviava todos estes benefícios? Era precisamente Jeová? Ou não seriam as divindades locais veneradas pelos Cananeus? Os Cananeus, que há tantos séculos habitavam naquela terra, com certeza que eram mais esperados que os modernos Israelitas; portanto, se eles se dirigiam ao Baal local, se oravam a Astarté, é porque os seus ritos tinham bons fundamentos e por isso, seria lou-

cura desprezá-los. Jeová, de facto era Deus ... mas nos momentos solenes da nação. O culto do invisível Jeová tinha muito de misterioso: não se via nada, não se tocava nada». (vol. I, pág. 297).

Assim, pouco a pouco, os Israelitas abandonaram o Eterno e foram atrás dos deuses pagãos e de conquistadores, tornaram-se os servos de cananeus que durante muitos anos atormentaram e lhes sufocaram quaisquer actividades.

Mas Deus, embora tivesse sido esquecido pelo seu povo, não o abandonou, completamente, e quando o povo se arrependeu e lhe pediu que o socorresse, Deus não lhe recusou o seu auxílio. Efectivamente, Deus suscitou alguém que o libertasse da opressão inimiga. Foi então que Deus se serviu de alguns juizes para efectuar o seu plano.

Antigamente, o juiz, além de julgar, era também designado para salvar o povo.

Débora foi precisamente um dos juizes que Deus escolheu para libertar o povo. Viveu no primeiro período dos juizes e foi a única mulher que foi também revestida do dom profético.

Naquele tempo, em Israel, não havia nenhum tribunal encarregado de fazer justiça, e eram os anciãos do povo quem regulava os litígios. Mas em vez de irem aos anciãos, os Israelitas preferiram ir até Débora, a esposa de Lapidoth. Porque tal preferência? É que Débora era inspirada por Deus e estava cheia do seu Espírito. Falava e agia em nome de Deus e era pelo seu espírito profético e pela sua sabedoria que exercia uma autoridade extraordinária entre os seus concidadãos. E de todas as partes os Israelitas acorriam para a consultar. Além disso era ela muito justa nos seus julgamentos era boa e todos a consideravam como uma mãe.

Débora habitava ao norte de Jerusalém, nas montanhas de

Elfraím, entre Rama e Bethel e recebia todos aqueles que a iam consultar, à sombra de uma palmeira, chamada, precisamente, «palmeira de Débora».

Mas Débora é famosa principalmente, pela sua intervenção na libertação da opressão dos cananeus. Os Israelitas, arrependidos, tinham suplicado a Deus, que não tardou a responder-lhes, de facto, um dia, enquanto Débora estava sentada «debaixo da palmeira», Deus ordenou-lhe que libertasse Israel da opressão dos cananeus. Os gritos dos oprimidos chegara até Deus, que não podia ficar insensível a tanta dor.

Débora assim que recebeu a ordem de Deus, mandou chamar Barac, que também era juiz em Israel, e disse-lhe que reunisse dez mil homens das tribos de Naftali e de Zabulon e que fosse combater Sisera, chefe dos cananeus. Indicou-lhe, depois, qual deveria ser o plano da batalha que lhe daria a vitória. Mas Barac ficou assustado, porque Sisera tinha novecentos carros de combate e os seus soldados estavam bem armados, ao passo que os Israelitas por causa da grande opressão dos Cananeus não estavam preparados para combater; e assim respondeu a Débora: «Se fores comigo, irei, mas se não fores comigo, não irei». (Juizes 4:8).

Barac não podia subtrair-se à ordem da profetisa, mas também não tinha coragem para travar, sem ela, a batalha; queria que Débora fosse com ele. Contava com o efeito moral que uma tal mulher causaria aos Israelitas, e estava convencido de que a presença da «mãe» de Israel aumentaria o ânimo dos soldados impelindo-os a combater contra os Cananeus.

Débora respondeu a Barac que iria com ele, mas mostrou-lhe as consequências: as honras não seriam para ele, porque daquela maneira o Eterno venceria o exército cananeu pela mão de uma mulher. Entre os semitas, a mulher ocupava

(Continua na pág. 9)

As publicações da Irmã White

M. E. KERN

Há pouco mais de cem anos, e muito antes que os mais fervorosos crentes na próxima Vinda de Jesus avaliassem o significado do termo «Igreja Remanescente», e precisamente, quando ia raiando a luz acerca do Sábado, ouviu-se entre este povo uma voz que declarava: «Como me foi mostrado por Deus em santa visão». A oportunidade e a natureza das mensagens, o carácter da fervorosa jovem da Nova Inglaterra e as provas dadas relativamente às visões, convenceram os que ouviram as palavras, de que Ellen Harmon falava por Deus.

Quando o primeiro livro do Espírito de Profecia, de 64 páginas — *Christian Experience and Views of Ellen G. White* (Experiência Cristã e Visões de Ellen G. White) — foi publicado em 1851, havia apenas algumas centenas de Adventistas observadores do Sábado. O livrinho foi ansiosamente recebido pelos crentes, e o relato das visões que ele fazia, animou e instruiu a Igreja infante. Assistente-se, depois, a uma sempre crescente literatura provida do Espírito de Profecia, cheia de conselhos dados para satisfazer as necessidades, à medida que iam surgindo, acompanhando o desenvolvimento da obra denominacional. Apresentar ao povo essas mensagens e conservá-las por meio do prelo, era uma vasta tarefa. A Senhora White, muitas vezes, procurou o conselho do esposo e de outros dirigentes da obra, acerca do meio mais eficaz, e ao mesmo tempo, mais oportuno de apresentar essas mensagens enviadas do Céu. O marido, enquanto viveu, deu-lhe também a sua assistência nos trabalhos quanto à publicação e disseminação dos seus livros por intermédio dos meios regulares denominacionais. Nos últimos anos, também, o filho William C. White a ajudava nessa obra.

À medida que a Mensageira do Senhor se aproximava do fim dos seus labores, dedicou cuidadosa

consideração ao futuro dos seus escritos, e finalmente, em 1912, combinou que, após a sua morte, uma comissão composta de cinco depositários se encarregasse deles, ficando com a responsabilidade do cuidado e publicação dos mesmos. O seu plano era que a despesa do trabalho dessa comissão corresse por conta da renda regular desses escritos.

Os depositários de Ellen G. White

As pessoas escolhidas pela Sr.^a White para esta tarefa de responsabilidade foram A. G. Daniells, F. M. Wilcox, C. C. Crisler, Charles H. Jones e William C. White. Nas mãos desses depositários pôs ela a sua casa e o prédio do escritório, a biblioteca, as pilhas de manuscritos e outros objectos de valor. Com relação aos seus escritos, delineou a responsabilidade dos depositários em «publicar e vender os ditos livros e manuscritos e levar avante o negócio dos mesmos», «o aproveitamento dos livros e manuscritos», «o conseguir e imprimir novas traduções deles», e «a impressão de compilações dos meus manuscritos».

No mesmo documento legal em que a Sr.^a White criou esse depósito, tomou providências para o preenchimento de vagas na comissão. No caso de uma vaga, os quatro restantes depositários deviam escolher uma pessoa idónea; e caso eles não chegassem a acordo, ou deixassem de agir, a Comissão da Conferência Geral devia designar esse depositário. Os homens eram designados sem definido termo de ofício. Sob circunstâncias normais, deviam servir por toda a vida.

Essa comissão devia, portanto, desempenhar-se da solene responsabilidade de manter perante a Igreja em todo o mundo — os seus dirigentes obreiros e membros leigos — os conselhos que Deus dera para

instruir e guiar o seu povo. A obra é levada a cabo sob o título de «As Publicações de Ellen G. White».

As responsabilidades dos depósitos dividem-se em três categorias gerais:

Primeiro: tomar providências para a continuação da publicação da publicação dos livros de Ellen G. White em inglês, e juntamente com isto dar à publicidade, de tempos a tempos, novas publicações, apresentando o que aparecera, primeiramente, em revistas da Denominação, ou matéria tirada dos arquivos de manuscritos.

Segundo: estimular e tomar providências para a publicação dos escritos de Ellen G. White em outras línguas, além da inglesa, mantendo os depositários a relação da autora para com os escritos, tanto quanto à escolha da matéria como no arranjo para a tradução e publicação.

Terceiro: cuidar dos documentos deixados pela Sr.^a White. Isto inclui no seu arquivo de manuscritos, os papéis pertencentes à sua obra, e os seus 2 500 artigos publicados nos periódicos da Denominação no decorrer dos anos, e outros arquivos que estejam em poder dela, representando esforços denominacionais, e a relação dela para com eles. Essas matérias têm sido conservadas em cofres de manuscritos à prova de fogo, achando-se esses manuscritos actualmente guardados num desses cofres da Conferência Geral. Em princípios de 1938 o trabalho dos depositários foi transferido de «Elmhaven», em Santa Helena, na Califórnia, para a sede da Conferência Geral.

Os depositários, actualmente são: A. V. Olson, vice-presidente; Francis D. Nichol, vice-presidente; Artur L. White, secretário; D. A. Delafield, secretário-adjunto.

Em 1933, quando se fizeram deliberações para a mudança dos arquivos e do trabalho para Washington, tomaram-se medidas financeiras que punham nas mãos da Conferência Geral os rendimentos dos direitos de autor das vendas dos livros de Ellen G. White, assumindo por sua vez a

Asa Packer estava empregado nos caminhos de ferro. Quando era novo, foi colocado numa terra distante da sua, na Pensilvânia. No domingo de manhã, foi assistir ao culto a uma igreja parecida com a sua; ninguém deu pela sua presença, ninguém lhe prestou atenção. Ficou desconsolado. À tarde, foi a outra igreja, onde foi recebido com muita cordialidade: perguntaram-lhe quem era, onde morava, onde trabalhava e prometeram visitá-lo. Foi convidado a jantar com alguns dos membros; mostraram-lhe as principais curiosidades da cidade. O jovem Asa ficou encantado e tornou-se membro desta igreja.

Mais tarde, enriqueceu; deu meio milhão de dólares para a fundação da Universidade Lehigh, que veio a ser dirigida pela denominação à qual pertencia a igreja que o acolhera tão gentilmente.

O acolhimento que uma visita recebe na nossa Escola Sabatina causa-lhe uma impressão duradoura e determina, em grande parte, as relações futuras que irá manter com a igreja. Se este acolhimento for

Sentem-se à vontade as visitas

caloroso e cordial, a visita ficará favoravelmente impressionada. Se, pelo contrário, for frio e indiferente, talvez nunca mais lá volte.

Não há nada mais angustioso para uma criança, apreensivo para um jovem e aborrecido para um adulto tímido do que ter de se encontrar no meio de pessoas totalmente desconhecidas, num ambiente que não é o seu.

Quem é que não se lembra do seu primeiro dia de escola? A lembrança que eu tenho desse momento é o de um sorriso simpático de um colega, e que nunca mais esqueci. É coisa de somenos importância? Talvez. Mas muito importante, porque ajuda uma pessoa a habituar-se a um novo meio e a novos rostos. O acolhimento reservado que se faça a qualquer pessoa influi sobre ela de maneira considerável.

Num domingo à noite, um cavaleiro passava diante de uma igreja iluminada. Perguntou a si mesmo

POR OWEN TROY

se entraria ou não, quando viu um cartaz luminoso em que leu: «Bemvindo sejam». Pensou, então que aquela saudação também era para si; entrou e apreciou.

A atmosfera das nossas igrejas deveria ser sumamente atraente.

É necessário que os lugares de culto sejam atraentes e que qualquer cartaz colocado no exterior informe, claramente, as visitas sobre a natureza do culto, horários dos serviços, etc.

No interior deve haver irmãos e irmãs especialmente destinados a receber as visitas, formando um comitê de recepção cujos membros primem pela cortesia e afabilidade.

Há anos atrás, tivemos oportunidade de visitar uma das nossas igrejas do México. Pudemos identificá-la, sem dificuldade, graças a uma bela taboleta. Quando fomos a entrar, um membro do comitê de recepção veio saudar-nos e co-

Conferência Geral a responsabilidade de fornecer a verba anual para a manutenção do trabalho dos depositários.

Os depositários têm cooperado com os editores para dar à publicidade novas edições reilustradas dos livros de colportagem, e em manter a publicação dos livros de Ellen G. White para os membros da Igreja. Essa publicação dos escritos do Espírito de Profecia tem aumentado decididamente assumindo um volume sem precedentes.

Publicações Póstumas

Há vários livros de Ellen G. White editados póstumamente, que têm trazido à Igreja importantes conselhos a que não havia geral acesso. Isto fez-se de harmonia com a positiva determinação da Sr.^a White, de que: «O assunto apresentado ao povo deve ser apresentado repetidamente. Os artigos

publicados nas nossas revistas são prontamente esquecidos pelos leitores. Cumpre reuni-los, publicados em forma de livro, e colocá-los perante os crentes e os incrédulos».

Só o mencionar alguns desses livros indicará a sabedoria das providências tomadas pela Sr.^a White. O *Testimonies Ministers* (Testemunhos para os Ministros) tornou acessível muitos artigos de interesse geral do *Special Testimonies*, Série A e B, já esgotado, e tem sido um livro muitíssimo valioso para o ministério.

O livro «Serviço Cristão», volume compilado de extractos especiais sobre todos os ramos do serviço missionário, e que constitui um verdadeiro manual para os membros como o livro *Obreiros Evangélicos* é para o corpo regular de obreiros.

O livro *Mensagens aos Jovens* consistindo, na maior parte, em conselhos aos nossos jovens, e que haviam aparecido no *Youth's Instructor* e no *Review*, tem sido de

inestimável valor para os nossos muitos milhares de jovens dos nossos dias. *Counsels on Diet and Foods*, reúne em um único volume toda a série dos ensinamentos do Espírito de Profecia sobre este importante assunto.

Os depositários têm tido o desígnio de agir de maneira prudente quando dão novos livros à publicidade.

A progressiva obra da Denominação é a ocorrência de incidentes e crises idênticos aos que tiveram lugar no passado, levaram à urgente demanda dessas publicações. Tem-se tomado grande cuidado na composição das referidas obras. Não se faz trabalho de redigir. É uma obra de selecção de matéria e de arranjo da mesma, aparecendo o assunto como foi escrito pela Sr.^a White. Usa-se grande cuidado em que as declarações sejam dadas com suficientes contextos, de modo a não serem mal interpretadas. Para tornar cada livro um com-

na nossa Escola Sabatina?

locou-nos na lapela um lindo lacinho destinado a indicar que éramos visitas. Levaram-nos para uma das classes da Escola Sabatina. Como se estava a cantar um hino, um dos membros entregou-nos um hinário em espanhol.

Quando a classe principiou, o monitor perguntou-nos os nomes e apresentou-nos aos membros daquela classe.

Na nova edição do *Manual da Escola Sabatina* temos o seguinte conselho:

«As visitas deveriam encontrar em cada Escola Sabatina uma atmosfera respeitosa, amigável e hospitaleira. Os dirigentes da Escola Sabatina deveriam tomar medidas para que os membros de recepção entreguem a cada visita um cartão de boas-vindas. Evitem-se levantar ou discutir assuntos doutrinários que possam embaraçar ou ofender seja quem for, sem necessidade. Sejam os acolhedores e apre-

sentemos às visitas cordiais boas-vindas».

As nossas Escolas Sábatinas utilizam diversos modelos de cartões de boas-vindas.

Nalgumas igrejas, pede-se às visitas que se levantem, quando ouvirem pronunciar os seus nomes. Isto permite à maior parte dos membros da Escola Sabatina o poder vê-las e falar-lhes no momento propício. Além disso também dá à visita a certeza de que a sua presença é apreciada.

É preciso que a Direcção da Escola Sabatina estude, seriamente, a maneira de receber as visitas e que ponha em prática os melhores meios para tal efeito.

Esforcemo-nos para dar às visitas aquele género de acolhimento que nós mesmos gostaríamos de receber, se fôssemos visitas, tendo necessidade da ajuda espiritual que a Escola Sabatina pode e deve dispensar.

pleto tratado ou assunto, tirou-se uma pequena percentagem da matéria escolhida dos livros da Sr.^a White já em circulação. Embora isto dê lugar a uma repetição em certos ramos de instruções, acha-se, em geral, que a vantagem de ter um volume completo supera a desvantagem da ligeira repetição. Efectivamente, a nossa literatura denominacional tem sido grandemente enriquecida, e a obra imensamente beneficiada pelos mais detalhados conselhos publicados para satisfazer às necessidades da obra em expansão.

De quando em quando tem-se levantado a questão de ser ou não justo publicar o que não fora dado à publicidade, antes da morte da Sr.^a White. Essas dúvidas surgem, de ordinário, devido à falta de conhecimento quanto à maneira por que era feito o trabalho da Sra. White, e às determinações feitas por ela para este trabalho, depois da sua morte. Enquanto vi-

via, extraía ela, frequentemente dos seus artigos, dos seus primeiros livros e manuscritos para apresentar as suas mensagens perante o povo.

Tomou providências específicas para uma obra póstuma na «impressão de compilações dos meus manuscritos», pois eles contêm, segundo ela disse, «instruções que o Senhor deu para o seu povo». Quase todos os aspectos das actividades denominacionais têm recebido grande benefício com essas publicações. Como não seria sentida a sua falta, se tivessem desaparecido, deixando de ser acessíveis!

É com grande cautela que se faz selecção e a publicação de matérias não publicadas, antes da morte da Sr.^a White. A entrega dessa matéria para publicação só se faz, depois de ter sido examinada pela Comissão dos Depositários e pelos oficiais da Conferência Geral, seguindo um cuidadoso processo delineado.

NOTÍCIAS DO CAMPO

Falecimento

A igreja de Lourenço Marques, e em especial a juventude, sofreu um rude golpe com o falecimento da menina Alda Nobre Cordeiro que, apesar da sua curta idade, desfrutou estima geral pela sua fidelidade e dedicação nos serviços e actividades da igreja, bem como pelo seu trato afável, humildade e comportamento cristão.



A jovem Alda N. Cordeiro

Fora anunciado, nos jornais, um serviço religioso na Igreja Adventista, e assim, não só os membros da igreja, mas grande número de amigos da família Cordeiro, que assim manifestaram o seu apreço e amizade aos nossos irmãos, ali se reuniram antes da saída do funeral. A cerimónia foi assistida com o maior respeito e as palavras de fé e esperança nas promessas de Jesus acerca da ressurreição e vida eterna foram escutadas atentamente e com sentidas lágrimas de saudade pela perda da nossa querida juvenzinha.

Novamente no cemitério tivemos oportunidade de dirigir uma sentida prece para que o Senhor de toda a graça auxilie a querida família Cordeiro, e todos nós, a fim de ficarmos fiéis e naquela bela manhã da ressurreição encontrarmos a nossa jovem que tão cedo acabou a sua carreira neste mundo.

Apresentamos, de novo, os nossos sinceros sentimentos de fraterna amizade aos nossos irmãos Cordeiro.

ESSES OLHOS INVISÍVEIS!...

«... o satélite foi colocado em órbita...; pode fotografar e enviar para a Terra as fotografias que vai tirando...» (Dos jornais diários).

«Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor». (Salmo 34:15).

A imprensa diária continua a noticiar essas maravilhas que a ciência electrónica consegue realizar. Em todos os domínios do saber e da técnica surgem os aparelhos mais imprevisíveis, as máquinas mais extraordinárias que entram, decididamente, como inegáveis vencedores, tanto nas fábricas, como nos escritórios como nas nossas casas.

Uma das mais arrojadas aplicações da ciência é a técnica modernas electrónicas encontra-se, porventura, nesses maravilhosos satélites que girando no espaço, de acordo com as órbitas que lhes foram previamente traçadas, seguem o seu percurso, fotografando, registando, e retransmitindo para as suas bases, tudo aquilo que lhes é dado ver, observar, prescrever...

São máquinas e aparelhos que revelam a grande inteligência dos seus engenheiros.

E ainda há, prezados Irmãos, quem pretenda duvidar da existência de Deus, servindo-se, precisamente, destes tais satélites!

Se um destes tais satélites — evidentemente de construção maravilhosa — exige uma inteligência que o tenha construído; se esta inteligência que o construiu tem, necessariamente, de existir, — que diremos, então a propósito não só dos satélites naturais, como também desses milhões de astros, de todas as categorias que giram nos espaços incomensuráveis?

E que são esses minúsculos satélites criados pela inteligência do homem, comparados com esses astros de gigantescas proporções? Que é a velocidade dos satélites artificiais — de certo já grande para as possibilidades humanas — comparada com a velocidade dos astros?

Portanto, em boa lógica, se da existência dos satélites artificiais se conclui para a existência do seu

autor, também temos de concluir, necessariamente, da existência desses assombrosos astros que se movem na esfera celeste para a existência de uma Inteligência infinita que tenha concebido e depois executado tantas maravilhas.

Os satélites artificiais que ultimamente têm sido lançados no espaço apresentam sempre maiores novidades.

Pondo de parte tantos outros aspectos, consideremos, apenas a singularidade de se fotografar determinada região, de a fixar e depois, de a transmitir para a Terra.

Pode dizer-se que se trata de «olhos invisíveis» que vão esquadrimhando o que se passa à superfície da Terra, para imediatamente o divulgar, por toda a parte.

É claro que são incalculáveis as aplicações que resultam deste facto. Serão incalculáveis em todos os domínios da actividade humana.

E tais satélites podem recarregar-se, mediante milhares de células solares que revestem o seu invólucro externo.

Diga-se, portanto, que, presentemente, há olhos invisíveis que nos espreitam do alto do céu, seguindo

UM EXEMPLO A SEGUIR

A *Review and Herald* de 6 de Julho de 1961 informa que a Irmã Rose Ellis da igreja de Manhattan, de Nova Iorque, deu apenas três faltas na Escola Sabatina, desde o ano de 1917.

Estas três faltas foram devidas às seguintes circunstâncias: a primeira, devido ao falecimento de um parente próximo; a segunda, em consequência de um furacão; e a terceira, por causa da tempestade de neve deste último mês de Janeiro.

Membro da Igreja de Manhattan, durante 44 anos, esta nossa Irmã tem tomado parte activa na Escola Sabatina Infantil, durante 38 anos.

Lendo estas linhas talvez digamos que só uma boa saúde e circunstâncias favoráveis puderam permitir à irmã Ellis mostrar-se tão notavelmente fiel, durante tantos anos.

Talvez não seja bem assim, porque não há ninguém que não esteja livre de sofrer contrariedades, grandes ou pequenas, que podem surgir uma vez ou outra, na vida.

Talvez seja mais exacto atribuir a maneira de agir da irmã Ellis ao facto de ela ter princípios que lhe dirigem a vida. Com certeza que uma vez ou outra se tenha dado a circunstância de ter vontade de ficar em casa, na manhã de Sábado; mas de certo que desfez as manobras do inimigo, resistindo-lhe decididamente.

O seu amor pela Escola Sabatina era maior do que o das suas comodidades e do seu «eu», porque teve, muitas vezes, ocasião de apreciar os numerosos benefícios espirituais que resultam do estudo em comum das Sagradas Escrituras.

Examinemo-nos a nós mesmos perante Deus. Somos nós fiéis à Escola Sabatina? Temos por princípio frequentá-la regularmente?

Façamo-lo, num bom espírito e sob os olhares de Deus, e estejamos certos de que regressaremos a casa com ricas bênçãos.

R. Gerber

Secretário do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Sul-Europeia

atentamente o que fazemos, quando estamos ao ar livre, e imediatamente transmitindo tudo isso, tal como um aparelho de televisão.

Estes acontecimentos levam-nos, muito naturalmente, a pensar em outros *olhos invisíveis*, que também, lá muito mais do alto, nos contemplam, amoravelmente, sem necessidade de câmaras escuras, de fitas de gravação, de reflectores. Mas estes outros olhos vêem-nos, sempre, e em toda a parte, não só ao ar livre, como também, dentro de casa; também vêem os nossos pensamentos, mesmo os mais ocultos: são os olhos omnividentes de Deus.

Isto mesmo já conhecia o Salomista, deixando-o escrito, lapidarmente no Salmo 139: «Para onde me fugirei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face?»

Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a Tua mão me guiará e a tua dextra me susterrá. Se disser: Decerto que as trevas me encobrirão; então a noite será luz à roda de mim.

Nem ainda as trevas me escondem de ti; mas a noite resplandece como o dia; e as trevas e a luz são

para ti a mesma coisa». (Salmos 139:7-12).

É possível ocultarmo-nos dos olhos dos homens; basta que nos defendamos com qualquer corpo opaco, estando no mesmo lugar; basta estarmos em lugares diferentes.

Mas dos olhos de Deus não há possibilidade de nos ocultarmos.

Por vezes também os criminosos, que conseguem escapar à polícia, sentem a presença do olhar invisível de Deus, de tal modo, que chegam a perder a razão ou a entregar-se espontaneamente à prisão.

Prezados Irmãos. Se nós sentíssemos sobre nós o olhar de Deus, evitá-riamos, de certo, muitas faltas.

Bastaria o pensamento de que Deus nos está vendo, para que deixássemos de fazer tanta coisa, ou de as fazer de maneira diferente.

É certo que não fariamos tantas acções diante dos nossos semelhantes; é certo que não procederíamos, como por vezes procedemos, diante de determinadas pessoas. Pois bem; estamos sempre diante de Deus; se este pensamento se encontrasse bem vivo na nossa mente!... Ah! Como a nossa vida seria diferente daquilo que é!

Lembre-mo-nos de que os olhos misericordiosos de Deus estão continuamente sobre nós, sobre nós todos, bons e maus, justos e pecadores; vendo, portanto, o bem e o mal que praticamos. «Os olhos do Senhor estão sobre os justos...» (Salmo 34:15). Por isso o Senhor nosso Deus está sempre pronto a socorrer-nos nas nossas aflições, porque nos está sempre contemplando com os seus bondosos olhos de amor e misericórdia.

Não esqueçamos que o olhar infinito de Deus nos contempla, sempre, quando procedemos bem e quando fazemos o mal.

Se, agora, os homens se desvanecem com as fotografias que tiram os satélites artificiais do que vão vislumbrando à superfície da Terra, — tenhamos bem presente, que o olhar bondoso de Deus está sempre sobre nós, observando tudo e todas as acções e até os nossos pensamentos mais recônditos.

Prezados Irmãos! Se tivéssemos bem firme este pensamento de que Deus nos está vendo, sempre?!...

A Casaca

(Continuação da pág. 4)

um lugar muito secundário, e por isso não era honroso para Barac derrotar o inimigo pela mão de uma mulher. Se Barac não tivesse medo de ir só, as honras da vitória seriam suas. Mas ele não se preocupava com isso: sabia que sozinho não seria capaz de elevar o moral dos soldados e por outro lado, também era justo que as honras fossem para aquela que todo o povo ouvia como a um oráculo e a quem chamava «mãe».

Chegado o dia da batalha, Débora estava com Barac e a sua presença encorajava os soldados, dizendo-lhes que era Deus que queria que travassem aquela batalha. Eles que não temessem, pois Deus dar-lhes-ia a vitória. A voz da profetisa animava-os, entusiasmava-os, e os soldados combatiam confiantes na vitória; entre os cananeus aumentava cada vez mais o medo e o desencorajamento. «E o Senhor

derrotou a Sisera, e a todos os seus carros, e a todo o seu exército ao fio da espada, diante de Barac; e Sisera desceu do carro e fugiu a pé». (Juizes 4:15). A derrota dos Cananeus, fortes e bem armados, foi enorme. O exército de Israel formado por milícias inexperientes, pôs em debandada o poderoso exército de Sisera e este mesmo, que conseguira fugir, foi morto pela mão de uma mulher, Jael, esposa de um descendente de Moisés.

A grande obra de Débora, como libertadora do povo de Israel tinha terminado. E neste ponto conhecemo-la sob um outro aspecto: Débora tornou-se poetisa. Efectivamente, compôs um cântico, que é uma das composições poéticas mais antigas e notáveis. O seu cântico tem sido classificado como «o mais belo cântico heróico dos Hebreus».

No seu cântico, Débora recorda a sucessão dos acontecimentos e é todo um hino de louvor ao Criador.

O cântico começa, precisamente, com palavras de louvor a Deus pela vitória alcançada, e segue, depois, uma descrição do que aconteceu, antes da batalha. A seguir vem um belo louvor para as tribos que tomaram parte na batalha e a este propósito, diz Débora: «Desde os céus pelejaram» (Juizes 5:20). Com estas palavras a poetisa-profetisa quer fazer saber a todos que as honras da vitória não deviam ir para ela, débil instrumento, mas para Deus que tinha dirigido a batalha. E precisamente, neste cântico, que Débora põe em evidência a qualidade da sua grande alma e em primeiro lugar, o seu patriotismo e a sua religião.

Débora teve grande parte na libertação do povo de Deus, o que lhe valeu ser classificada, como a rainha Ester, entre o número das mulheres do Antigo Testamento que mudaram os destinos de todo um povo.

A Sagrada Escritura ensina que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, Una, quando à natureza e essência com o Pai e com o Filho, mas distinta d'Eles (S. Mateus 28:19; 3:16,17). Embora seja impossível dar uma definição precisa do Espírito Santo, porque somos seres limitados, sabemos com certeza que a Sua presença e a obra se revelam mediante os seus efeitos.

Este eterno agente divino já operou, antes da criação. A Palavra de Deus afirma que o Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas, quando ainda as trevas cobriam a face da terra e nenhuma forma de vida se manifestava ainda. A Terceira Pessoa da Santíssima Trindade realiza, ainda, uma parte essencial no grande plano da salvação. É o Espírito Santo o autor da Bíblia enquanto iluminou e inspirou os escritores sagrados (II Pedro 1:21). Por isso, quando estudamos a Palavra de Deus é o Espírito Santo que nos dirige, o «Espírito de verdade» que nos «guiará em toda a verdade» (S. João 16:17; 16:13). Foi Ele quem assistiu a Jesus durante a sua vida e as suas obras nesta terra. O Espírito Santo esteve presente ao baptismo de Jesus e ungiu-o de sapiência e de poder extraordinários. (Actos 10:38).

O Vigário de Jesus Cristo

O Redentor prometeu a vinda do Espírito Santo, como Consolador, que o Pai enviaria depois da sua ascensão (João 14:26). O Espírito de Deus é o verdadeiro Vigário de Cristo na terra, continuando a obra do Salvador e ficando para sempre com a Igreja. Jesus disse: «E eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber». (João 14:16). E acrescentou: «Mas quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há-de vir» (João 16:13,14).

O Espírito Consolador desceu com grande poder sobre os apóstolos e sobre a Igreja para continuar e para completar a obra de Jesus, aqui na terra. Foi Ele quem inspirou e protegeu os discípulos e protegeu o pequeno rebanho perseguido. O Espírito Santo fala (Actos 13:2; I Timóteo 4:1), intercede (Romanos 8:26), distribui os dons espirituais (I Coríntios 12:4-11), ilumina (João 16:13,14) e convida os pecadores ao arrependimento (Apocalipse 22:17).

Autor da regeneração

O Espírito Santo realiza uma obra essencial e decisiva para a salvação de todo o crente sincero. É o autor da santificação e prepara o crente regenerado para a glória celeste. Primeiramente, convence o homem do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8). Depois leva-o ao arrependimento, à confissão e ao perdão (Actos 2:37,38; II Coríntios 7:9-11). Depois gera no coração o desejo de pureza, inscreve-lhe a lei de Deus (Ezequiel 36:25-28), nobilita os sentimentos, corrige os impulsos, faz nascer e desenvolver os frutos do Espírito (Gálatas 5:22,24). Tão grande obra é o renascimento espiritual, sem o qual não se pode herdar a vida eterna (João 3:3,5). Só assim é que podemos viver e caminhar pelo Espírito (Gálatas 6:16,25) e conseguir a santificação requerida por Deus para O podermos ver (Hebreus 12:14).

O pecado imperdoável

O Espírito de Deus realiza uma missão sublime e salutar, mas nem todos os homens estão dispostos a aproveitá-la. Muitos, infelizmente, ficam incrédulos e indiferentes ao seu próprio prejuízo, outros, em vez disso, contentam-se com um cristianismo superficial e ambíguo, querendo servir ao mesmo tempo a dois senhores, Deus e o mundo. Só poucos é que seguem, seriamente a Jesus, levando, todos os dias a cruz da renúncia ao pecado e aos desejos da carne; por isso é que os eleitos são poucos. O fim

O ESPÍRITO SANTO

Pastor ANTÔNIO

último da obra do Espírito Santo é o aperfeiçoamento do carácter do crente. Deus oferece gratuitamente a salvação a cada um, não pode admitir no seu reino escravos do pecado, porque poria em perigo a paz, a harmonia, a pureza e a felicidade do céu.

Uma das virtudes essenciais do candidato à imortalidade celeste consiste na perseverança na santificação do próprio ser. Disse Jesus: «Quem perseverar até ao fim será salvo». O Espírito de Deus inspirou as seguintes palavras: «Vós necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa», isto é a salvação da alma (Hebreus 10:36 e 39).

Aqueles cristãos que não renovam todos os dias a sua comunhão com Deus através do exercício da fé, da oração e do estudo da Bíblia para obter a força de obedecer às directrizes do Evangelho, correm o risco de regressar à velha vida do pecado que leva à corrupção e à perdição eterna. Uma tal dolorosa experiência não tira a vida apenas o ideal divino, mas tira-lhe também a verdadeira felicidade. A Sagrada Escritura exorta, muitas vezes, à vigilância e à reflexão e mostra as consequências inevitáveis e catastróficas da indolência espiritual. O apóstolo Pedro escreveu: «Porquanto se, depois de terem escapado das corrupções do mundo, pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, forem outra vez envolvidos nelas e vencidos, tornou-se-lhes o último estado pior que o primeiro. Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado». (II Pedro 2:20,21).

Aquele que recusa obedecer ao mandamento da santificação do carácter entristece o Espírito Santo e contrasta a sua obra principal. (Efésios 4:32). O cristão que não se ergue depois de uma queda es-

O E A SUA OBRA

NIO KARL

piritual e que não se esforça enêrgicamente e com o auxílio da graça de Deus para se arrepender, corre o risco de decair da graça e de pecar contra o Espírito Santo. Deus punirá inexoravelmente tal iniquidade. Está escrito no Evangelho de Mateus, capítulo 12:31,32: «Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada. E se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado, mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado nem neste século, nem no futuro». Tão grande pecado consiste em tornar-se e ficar indiferente às exortações, aos apelos, às repreensões, aos conselhos, ao encorajamento do Espírito Santo através da Palavra inspirada, da consciência e dos sinais da Providência. Deste modo, o coração fica cada vez mais insensível à influência regeneradora de Deus, e a consciência vai adormecendo e calejando. Perde-se o discernimento entre o bem e o mal, entre o sagrado e o profano e corre-se o risco de atribuir a obra de Jesus e do Seu Vigário ao príncipe das trevas. É impossível salvar um pecador assim endurecido. Deus não tem nenhum outro meio à sua disposição para remir um ser que despreza a graça regeneradora e que espezinha o grande sacrifício do Gólgota. Diz o apóstolo: «Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento, pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus, e O expõem ao vitupério». (Hebreus 6:4-6).

Noutro passo o mesmo servo de Deus adverte: «Porque se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da

verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectação horrível de juízo e ardor de fogo, que há-de devorar os adversários». (Hebreus 10:26,27). Com o Salmista devemos suplicar: «Não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo» (Salmo 51:11).

Um segundo Pentecostes

Deus predisse uma efusão especial do seu Espírito, nos últimos tempos. Por meio do profeta Joel predisse: «E há-de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões.

E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumo. O Sol se converterá em trevas e a Lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E há-de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte de Sião, e em Jerusalém haverá livramento, assim como o Senhor tem dito, e nos restantes, que o Senhor chamar». (Joel 2:28-32).

A descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes era um cumprimento parcial de tal profecia.

«O derramamento do Espírito Santo no Pentecostes era a anunciada chuva da primeira estação; a da última será ainda mais abundante. O Espírito Santo espera a nossa aceitação. Jesus será novamente revelado em toda a sua plenitude do poder do Espírito Santo». E. G. White, *As Parábolas de Jesus*.

Tal potente manifestação celestial será concedida para terminar a obra de Deus na terra, para iluminar o mundo, mediante o Evangelho do Reino de Deus, para salvar as almas que ficaram nas trevas da Babilónia espiritual (Apocalipse 18:1-5).

«Uma grande manifestação do poder divino acompanhará a sua obra final. No tempo do seu cum-

primento haverá angústia na terra; as nações estarão iradas, mas o Senhor mantê-las-á quietas, para que a obra do terceiro anjo não encontre obstáculos (Apocalipse 14:9-12). Naquele tempo, a chuva da última estação ou refrigério enviado pelo Senhor descerá sobre a terra para dar poder à grande voz do terceiro anjo». E. G. White, *Primeiros Escritos*.

Grandes e gloriosos foram os resultados produzidos pelo derramamento do Espírito Santo nos tempos apostólicos. O Evangelho tornou-se conhecido rapidamente através do mundo de então, Deus foi honrado e muitas almas foram salvas para o reino eterno. Deus deseja dar ao seu povo o refrigério de um novo baptismo do Espírito Santo. A terra deve ser, em breve, iluminada pela glória de Deus. Uma santa influência que deriva daqueles que foram santificados pela verdade bíblica deve espalhar-se por todo o globo terrestre. A graça divina deve envolver toda a terra. O Espírito Santo deve, com poder, operar nos corações revelando aos homens as coisas profundas de Deus.

Para que esta magnífica predição se possa cumprir e realizar-se a promessa do Senhor, é necessário, como fizeram os apóstolos, que nos arrependamos, que confessemos as nossas faltas ao Senhor e que peçamos, com fervor constante a descida do poder do alto (Actos dos Apóstolos 1:5,8,13,14; 2:1-3).

Eis uma outra condição para obter o grande dom do Espírito Santo que traz consigo as riquezas celestes e os benefícios inestimáveis dos méritos de Jesus: «Arrependei-vos, pois e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor, e envie Ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o Qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo». (Actos 3:19-21).

Arrependamo-nos e vivamos para glorificar a Deus, e o «Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem» (Lucas 11:13).

ESTUDO BÍBLICO

A F É

Introdução — Não é possível permanecer neutro perante a revelação divina: ou se aceita ou se rejeita. A sua aceitação, com tudo quanto comporta, é um acto de fé, de que depende a nossa salvação. É, portanto, indispensável que saibamos, exactamente, em que consiste a fé.

É necessário, em primeiro lugar, não confundir, de modo nenhum, a fé com a superstição, que não é senão um sentimento religioso degenerado, que se manifesta pela crença na eficácia mágica de certas práticas, e na incidência sobre a vida de certos sinais que consistem, a maior parte das vezes, em acontecimentos fortuitos.

O Catecismo do Concílio de Trento declara (pág. 12): «A palavra *Fé*, nas Sagradas Escrituras tem vários significados».

Os textos bíblicos referindo-se à fé, com efeito, são tão numerosos e tão ricos de finas nuances que é difícil tirar deles conclusões dogmáticas, claras e exaustivas.

I — A doutrina e a fé — A palavra *fé* pode apresentar o sentido de *doutrina* como nos textos seguintes: «... e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé». (Actos 6:7). «... recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé, entre todas as gentes pelo seu nome». (Romanos 1:5). «... façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé aos que partilham a nossa fé». (Gálatas 6:10). Veja-se também: Efés. 4:5, 13).

O nome de *fé* estende-se, também, à doutrina, objecto da crença. Portanto, a aceitação de um credo pode manifestar-se independentemente da fé, até em contradição com ela, como o prova esta declaração do apóstolo Tiago: «Tu crês que há um só Deus: fazes bem. Também os demónios o crêem e estremecem». (Tiago 2:19).

A partir deste número, vamos publicar uma série de Estudos Bíblicos preparados especialmente para ajudarem os nossos Irmãos a apresentar a Mensagem evangélica aos Católicos (Revus Adventiste).

II — A confiança e a fé. — Um outro elemento importante da fé, de que parece depender a sua eficácia, é a confiança. Jesus declarou: «... se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há-de passar; e nada vos será impossível». (S. Mateus 17:20).

O apóstolo Tiago convida aquele que ora a fazê-lo com confiança, sob pena do seu pedido ser em vão: «Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento, e lançada de uma parte para outra parte».

Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa.

O homem de coração pobre é inconstante em todos os seus caminhos». (S. Tiago 1:6-8).

Esta confiança apresenta, de uma pessoa para outra, níveis variáveis.

O Catecismo do Concílio de Trento (págs. 12 e 13) declara a este propósito: «Mas se a Fé admite graus diversos em extensão e em excelência, como parece nestes passos da Sagrada Escritura: 'Homem de pouca Fé, porque duvidaste?' (Mat. 14:31) — 'A vossa Fé é grande.' (Mat. 15:28) — 'Aumentai em nós a Fé.' (Lucas 17:5) — 'Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma'. (Tiago 2:17). '... a fé que opera por caridade.' (Gálatas 5:6), — ella não reconhece nenhuma diversidade de espécies, e a definição convém perfeitamente a todos os graus que possa ter».

A fé não poderia existir sem a confiança, porque, como afirma o autor da epístola aos Hebreus (11:1) «Ora a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem».

III — A fé e a fidelidade — Talvez nunca se tenha notado que a fidelidade para com Deus é parte integrante da fé, embora a etimologia já o dê a entender. As duas palavras *fé* e *fidelidade* derivam do latim *fides* que significa *confiança, crença*.

Pode pensar-se que esta noção de fidelidade se subentende na declaração seguinte do Catecismo do Concílio de Trento (pág. 12): «Aqui tomamos a palavra *Fé* por aquela virtude pela qual damos um assentimento pleno e inteiro às verdades reveladas de Deus».

Em todo o caso, em numerosos passos da Sagrada Escritura, a palavra *fé* — *émounah* em hebraico, *pistis*, em grego — é traduzida nas nossas versões, por *fidelidade*, e por *fiel*.

Eis alguns exemplos: «... a fidelidade de Deus» (Rom. 3:3); «mostrando toda a boa lealdade (fidelidade)» (Tito 2:10).

Conclusão. — «Ninguém pode racionalmente duvidar que esta Fé, de que falamos não seja necessária para a salvação, porque está escrito: «Sem Fé é impossível agradar a Deus» (Heb. 11:6) — Catecismo do Concílio de Trento, pág. 12.

A importante verdade acima mencionada é fortemente sublinhada na Sagrada Escritura, como o provam os seguintes textos: «Porque pela graça sois salvos, por meio da fé». (Efésios 2:8); «Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus». (Roman. 5:1-2).

Só a fé que possui as características que acabamos de recolher da Sagrada Escritura é que nos pode salvar. Convém, portanto, que

Salvação pela Lei, pela Fé ou pela Graça?

Há no mundo cristão, certa confusão, ou talvez ignorância sobre a salvação pela Lei, pela Fé ou ainda pela Graça. Ninguém pode desfrutar perfeita alegria e certeza de salvação sem compreender a beleza da correlação existente entre estes três pontos doutrinários, de cuja compreensão perfeita depende, em grande parte, a nossa salvação.

A Lei de Deus

A Lei de Deus exarada em Êxodo 20:1-17, foi dada, proclamada e escrita por Deus, não por Moisés, sobre duas tábuas de pedra (Êxodo 32:15 e 16).

A primeira tábua da Lei continha os Mandamentos que se referem a Deus, isto é, a obediência ou amor a Deus. A segunda tábua estabelece a relação de respeito e amor ao próximo. Os dez mandamentos resumidos na sua essência, preceituam como se deve amar a Deus, e como se deve amar o próximo. A base da Lei é o AMOR. Quem quebra um dos dez parágrafos de Lei faltou com o amor; esse pecou. O salário do pecado é a morte—morte eterna—separação de Deus. Contudo, nem tudo está perdido; há esperança para o pecador que quiser salvar-se. Basta lançar mão do recurso que Deus providenciou, para salvar os pecadores. Eis o recurso:

«Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que n'Ele crê, não pereça, mas

apóstolo: «Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados». (II Cor. 13:5).

R. Dellenbach

Por GUSTAVO STORCH

tenha a vida eterna». (S. João 3:16).

O indivíduo que quebrou a Lei de Deus, mas deseja reconciliar-se, necessita de um Salvador, de um Amigo, que tome sobre si a culpa e morra em seu lugar. É isto que nos leva, agora, à salvação pela fé.

Salvação pela Fé

A Lei não pode salvar o pecador; mas mantém salvo aquele que, mediante a obediência, nunca pecou. Leiamos: «Pois se tivesse sido dada uma Lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, teria sido pela Lei». (Gálatas 3:21).

A Lei condena o pecador, não o justo. Mostra ela ao transgressor o seu crime, mas não o salva. O espelho mostra que o rosto está sujo, mas não o lava; a água é que lava a impureza que o espelho mostrou.

A Lei mostra o pecado e o sangue de Cristo lava ao pecador arrependido pela fé, as manchas do pecado.

Jesus, o Enviado de Deus, nascido da Virgem Maria, o Justo, tornou-se a vítima expiatória dos culpados. Nós os que vivemos cerca de 1900 anos aquém da tragédia do Calvário, não vimos, em pessoa, a morte do «Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo», mas cremos que assim foi, pois os factos irrefutáveis assim o provam.

Esta é, pois, a fé que perdoa, que purifica, que reconcilia; é, enfim, a fé que salva dos pecados cometidos contra Deus e contra a sua Santa Lei. «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo». (Romanos 5:1).

A justa Lei de Deus não pode salvar os transgressores; por isso lemos: «O que a Lei não podia fazer ... Deus, enviando o seu

próprio Filho ... condenou o pecado na carne, para que a exigência justa da Lei se cumprisse em nós...» (Romanos 8:3 e 4).

Somos perdoados, gratuitamente, pela fé na morte expiatória de Jesus. Citemos, mais uma vez, a Palavra de Deus: «Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus». (Efésios 2:8). Somos perdoados de graça.

Salvação de Graça

Os homens, em geral, cobram bem caro os benefícios feitos a favor dos seus clientes. Jesus, o nosso Advogado nada, porém, nos cobrou, por nos ter libertado da condenação ou «maldição» da Lei em que vivíamos antes, como pecadores. Jesus fê-lo de graça. O preço que eu devia pagar, pagou-o Ele; para mim, pecador, foi de graça.

GRAÇA é um favor concedido, mas não merecido. Ilustremos o caso: Suponhamos que certa pessoa furtou mil escudos, pelo que é preso até restituir o que roubou. Acontece, porém, que o ladrão é pobre; nada tem, pois esbanjara a importância roubada, antes de cair nas mãos da polícia. Na prisão também não ganha nada. Nestas condições como é quando sairá da prisão? Se disser: «Salvar-me-ei do meu crime pela obediência à lei; serei na prisão um bom e fiel cidadão: já não torno a roubar», — tais declarações e propósitos não o tiram da cadeia. É que ele está preso como consequência do crime passado, e este deve ser removido ou satisfeito, para que o preso possa ser posto em liberdade. A obediência à lei não o salva. Por outras palavras: «Não se salva pelas obras da lei». Contudo, há um recurso.

O nosso infeliz ladrão condenado apela por compaixão, a um advogado rico e bondoso e este, digamos, compadecido, paga os mil

Quem rouba a Deus, fica privado das Suas bênçãos.

«Roubar a Deus nos dízimos e ofertas é uma violação da ordem terminante de Jeová, ao mesmo tempo que representa a mais profunda injúria ao Criador; tal roubo priva os seus autores das bênçãos de Deus, prometidas tão ricamente àqueles que lealmente entregarem o dízimo». — *Testemunhos para a Igreja*, Vol. 5, pág. 644.

Que nada nos tente a roubar o dízimo a Deus

«Devemos resolver, deliberadamente, o honrar a Deus com os nossos bens; por isso, de nenhum

escudos furtados e, além disto, defendendo o pobre infeliz ladrão, perante a justiça, consegue pô-lo em liberdade, e nada cobra, depois, ao seu cliente. Salvou-o de graça, por amor. Este ladrão agora perdoado e liberto da condenação, vive, desde então, debaixo da graça, da protecção, do favor imerecido daquele bom advogado. Agora, prezado Irmão, note bem o que se segue. O nosso ladrão perdoado só gozará da graça do advogado, com todos os privilégios da liberdade, enquanto obedecer à lei. Não deve furtar outra vez; deve obedecer à lei, para permanecer salvo na graça. Se de novo voltar ao crime anterior, perde a graça e mete-se debaixo da condenação da lei.

Ora, a mesma relação existe entre a Lei de Deus, o pecador e a graça de Jesus Cristo.

O homem sem fé na morte expiatória de Jesus, está debaixo da condenação da Lei de Deus; é pecador. Recorrendo, porém, pela fé a Jesus, aceitando a morte d'Ele como se fosse a sua própria morte — em expiação dos seus próprios pecados — o arrependido pecador obtém perdão pela fé, e vive, desde então, na graça de Cristo.

Está salvo dos seus pecados e estará salvo também, um dia, no Céu, se não perder essa salvação pela apostasia ou transgressão voluntária e contínua da santa Lei de Deus.

O DÍZIMO

modo devemos consentir que haja qualquer coisa que nos tente a roubar-Lhe os dízimos e ofertas, que Lhe são devidas. Devemos ser inteligentes, sistemáticos e persistentes nos nossos actos de caridade para com os homens, assim como nas nossas expressões de gratidão para com Deus, pela sua bondade para conosco.

Trata-se, em tudo isto, dum sagrado dever que não pode ser deixado ao acaso, nem tão pouco controlado pelo sentimentalismo. Temos de reservar, com uma certa regularidade, alguma coisa para a causa de Deus, de modo que o Senhor não venha a ser defraudado da porção que Lhe pertence. Quando roubamos a Deus, também nos roubamos a nós mesmos. Roubando, assim, a Deus, renunciemos aos tesouros celestes, procurando, em sua vez, as riquezas terrestres; é uma autêntica perda que de modo algum somos capazes de suportar.

Se vivermos de tal modo que tenhamos as bênçãos de Deus, teremos conosco a sua mão protectora nos nossos negócios temporais.

Mas se a Sua mão estiver contra nós, contemos, então com o malogro real dos nossos planos, e que, em vez de juntarmos, só conseguiremos dispersar». — *Ibid*, Vol. 5, págs. 571-572.

O dízimo é a parte reservada de Deus

«O dízimo é sagrado, pois foi reservado pelo próprio Deus. Deve dar entrada no Seu tesouro para ser usado para manter os obreiros evangélicos no seu trabalho.

O Senhor foi roubado, durante muito tempo, porque tem havido muita gente que não entrega o dízimo, essa porção que Deus reservou para Si». — *Testemunhos para a Igreja*, Vol. 9, pág. 249.

NEWBOLD COLLEGE 1961-62

O Colégio de Newbold retoma as suas actividades do próximo ano escolar, em 12 de Setembro corrente.

Muitos dos nossos jovens do Continente se aproveitam das vantagens que lhes oferece o nosso mais velho Colégio da Inglaterra, para poderem aperfeiçoar o seu inglês.

Além do curso básico de Teologia de quatro anos, o Colégio também oferece um curso especial de inglês, durante o ano escolar, aos estudantes do Continente.

Igualmente os nossos Cursos de Secretárias e de Comércio auxiliam as nossas jovens e os nossos jovens a prepararem-se para os trabalhos de escritório.

Deste modo os jovens do Continente ficam com a possibilidade de concorrer a bons lugares, graças aos Cursos de carácter comercial e escriturário que podem frequentar no nosso Colégio.

Muitos estudantes estrangeiros aproveitam, também a oportunidade para estudar música, neste departamento.

O ano escolar compreende dois períodos: o primeiro vai de 12 de Setembro de 1961 até 19 de Janeiro de 1962; o segundo período vai desde 22 de Janeiro de 1962 até 27 de Maio de 1962.

Aceitam-se matrículas para qualquer dos períodos ou para ambos.

Quaisquer indicações e informações podem ser pedidas ao Director:

Dr. V. Nørskov Olsen
Newbold College
Bracknell, Berkshire
England (Inglaterra).

A HORA ACTUAL

E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

É frequente encontrarmos pessoas bem intencionadas que consideram a existência de credos religiosos diferentes como um perigo para a unidade da Nação e os componentes das minorias religiosas como cidadãos de segunda classe, a quem se torna necessário evitar, se não positivamente hostilizar.

Tal não é, porém, a doutrina da Constituição Portuguesa nem o pensamento de pessoas responsáveis manifestado em declarações proferidas já na crítica hora que atravessamos.

Com efeito, segundo a Constituição, «o Estado assegura nos seus territórios ultramarinos a liberdade de consciência e o livre exercício dos diversos cultos». (Artigo 139).

Em apoio deste princípio, o sr. Presidente do Conselho, Prof. Doutor Oliveira Salazar, em seu discurso de 30 de Junho do ano corrente, a propósito dos princípios morais que presidiram aos Descobrimentos e à acção portuguesa no Ultramar, designadamente em Angola, declarou: «A integração política não derivaria de uma assimilação completa, mas sobretudo da confraternização estabelecida, *sem distinção de credos ou de cores*».

Por outro lado, o sr. Ministro do Ultramar, Prof. Dr. Adriano Moreira, afirmou no discurso proferido perante o Conselho Legislativo de Angola, em 2 de Maio p. p.: «Fariamos apenas o jogo do inimigo com quem estamos em guerra se permitíssemos que realizasse o seu claro objectivo de estabelecer, em qualquer parte do território nacional, um abismo entre quaisquer dos grupos étnicos, culturais ou religiosos. *Teremos de manter sempre viva e presente nas nossas inteligências a ideia de que a nossa força assenta na capacidade de viver em comum, sem prejuízos de raça, de cultura ou religião*».

Pastor ERNESTO FERREIRA
DIRECTOR DA UNIÃO ANGOLANA

Por sua vez, o sr. Inspector Manuel Dias Serras, ao tomar posse do cargo de Director dos Serviços de Administração Civil, em 6 de Junho p. p., definindo a política a seguir pelos Serviços a ele confiados, disse: «Na execução dessa política o Quadro Administrativo terá de estar na primeira linha. A ele incumbirá, em grande parte, no seu contacto, que se deseja o maior possível, com todos os sectores da população, por palavras e por actos, fazer reviver onde porventura possa aparentemente ter morrido, o secular princípio português de *não distinguir os indivíduos pela sua cor, credo ou raça*».

Nem se diga que determinada confissão religiosa é a religião oficial do Estado. Segundo o art.º 45 da Constituição, «o Estado mantém em relação à Igreja Católica o regime de separação com relações diplomáticas entre a Santa Sé e Portugal, mediante recíproca representação, e concordatas ou acordos».

Elucidativas são as palavras de Sua Eminência o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa sobre o alcance da Concordata de 1940: «Na Concordata é francamente reconhecida a Igreja tal como ela é; mas não se lhe cria uma situação privilegiada tal, que algum cidadão português, qualquer que seja a religião que professe sofra a menor diminuição dos seus direitos». D. Manuel Gonçalves Cerejeira. *Obras Pastorais* vol. II. Lisboa, 1943, pág. 186).

A quem pense que a coexistência de várias religiões constitua um perigo para a unidade da Nação, seja-nos permitido perguntar: Em que país actual a coexistência de diferentes confissões religiosas cons-

titui um perigo para a unidade da Nação; quer se trate da grande Brasil ou da pequena Suíça?

Por outro lado, quando esteve em maior perigo a unidade da Nação Portuguesa do que nos meados do século XIX, em que liberais e absolutistas se degladiavam sob a égide de uma religião oficial do Estado?

Razão tinha o falecido Professor Doutor Fezas Vital ao afirmar: «Hoje pode dizer-se que em nenhum país civilizado há unidade religiosa, porque em todos uma parte da população ou não crê ou professa religião diversa da religião da maioria. Em Portugal, por exemplo, em que a grande maioria professa a religião tradicional, a religião católica, há, no entanto, muitos portugueses que não professam qualquer religião e há muitos outros que professam religião distinta da católica. Por conseguinte, a *diversidade de crenças não impede a unidade nacional, e não podemos afirmar que um português que não é católico, não é, sob o aspecto nacional, um bom português*». (*Direito Constitucional*, segundo as lições magistrais do Prof. Doutor Fezas Vital na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1936 a 1937, págs. 71-72).

Nesta hora, em que todas as forças construtivas da Nação devem unir-se, de lamentar será que alguém crie confusão nos espíritos, lançando a suspeita sobre pacíficos elementos das minorias religiosas, sem outro fundamento que não seja a intolerância ou a calúnia.

Castiguem-se os culpados, e apenas os culpados, seja qual for o credo a que pertençam. Deixem-se em paz os que, seguindo as suas diferentes confissões religiosas, procuram cumprir fielmente os seus deveres de cidadãos.

Proceder doutra sorte é fazer o jogo do inimigo.



O Auxiliar da Escola Sabatina

Ano I

Outubro de 1961

N.º 10

Para a Divisão dos Adultos

Tema Geral—Estudos do Carácter de Jovens na Bíblia

Prefácio das Lições do Quarto Trimestre

Antes de começar o estudo da primeira lição desta nova série, seria proveitoso passar o tempo que for necessário fazendo um exame geral das treze lições preparadas para este trimestre. Examinando os assuntos dessas lições em relação com o tema geral, o professor será capaz de determinar o escopo e os pontos principais a serem salientados em cada lição.

Depois de notar qual o objectivo principal de cada lição do trimestre, e ter uma ideia do alvo de cada uma, será possível formular um alvo geral para o trimestre, e possivelmente decidir quanto ao alvo para as primeiras três ou quatro lições, à luz das necessidades dos membros da classe. Assim, olhando para a frente e delineando planos cuidadosos, será o professor capaz de ensinar as lições tendo um propósito em vista, e aplicar as verdades à vida dos membros da classe.

Nesse trabalho investigativo e preparatório convirá ter um classificador (caderno de molas, com folhas soltas), dedicando duas ou três páginas a cada lição. No cimo da primeira página de cada uma dessas treze secções, escreva o número, o assunto e a data que correspondem à lição particular. Nesse caderno anote os pontos interessantes que descobriu, no estudo das lições.

Então, enquanto o professor ora, estuda e medita sobre a lição de cada semana, virão ideias acerca de alguma lição futura, e essas devem ser inscritas no devido lugar no caderno, juntamente com ilustrações e aplicações que o ajudarão no ensino dessas lições futuras.

Boas ideias geram outras ideias boas. Não deixe de anotá-las, no momento em que chegam. Assim, quando chegar o tempo de estudar essa lição futura, já terá boa matéria à sua espera. Sempre que leia qualquer coisa na Bíblia, nos escritos do Espírito de Profecia, jornais, etc., que possam ter aplicação, tome nota disso, no seu caderno. Lembre-se também de coleccionar gravuras e outros auxílios audiovisuais. No estudo das biografias da Bíblia, descobrirá verdades de grande valor. Haverá lições ainda desconhecidas ao professor. É difícil encontrar uma

grande decisão a ser tomada na vida, sobre a qual pelo menos uma das biografias da Bíblia não lance luz. «Para fins educativos, nenhuma parte da Bíblia é de maior valor do que as suas biografias». — *Educação*, pág. 146.

LIÇÃO 1 — 7 DE OUTUBRO DE 1961

No Lar e na Igreja

VERSO ÁUREO: I Tim. 4:12.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições. Além disso, há sobeja matéria em muitos dos nossos livros: *O Lar Ideal*, *Segredos de um Lar Feliz*, *Ciência do Bom Viver*, etc.

ALVO DA LIÇÃO: Lembrar aos pais e aos jovens a sagrada obrigação relativa ao lar e à igreja, e a necessidade de dar uma educação cristã às nossas crianças e jovens.

Introdução

«Se os pais derem aos filhos a educação devida, eles mesmos se tornarão felizes ao ver o fruto da sua cuidadosa educação no carácter cristão de seus filhos. Estão prestando a Deus o maior serviço, apresentando ao Mundo famílias bem ordenadas, bem disciplinadas, que não só temem ao Senhor, mas também O honram e glorificam por sua influência sobre outras famílias; e receberão a sua recompensa». — *The Adventist Home*, pág. 533.

«Dai a vossos filhos cultura intelectual e educação moral. Fortalecei-lhes a mente juvenil com princípios firmes, puros. Enquanto tendes oportunidade, ponde o alicerce de uma nobre varonilidade e feminilidade. O vosso trabalho será recompensado mil vezes». — *Ibidem*.

«A vida na Terra é o princípio da vida no Céu; a educação na Terra é uma iniciação nos princípios celestiais; a obra vitalícia aqui é um preparo para a

obra vitalícia lá. O que somos agora, em carácter e santo serviço, é o certo prenúncio do que havemos de ser». — *Ibidem*.

Notas Interessantes

Perg. 3. Efés. 6:4. «Pais, Deus deseja que torneis a vossa família uma amostra da família celestial. Guardai os vossos filhos. Sede bondosos e ternos para com eles. Pais, mães e filhos devem estar unidos com os áureos elos do amor. Uma família bem ordenada, bem disciplinada é maior poder para demonstrar a eficiência do cristianismo, do que todos os sermões do Mundo. Quando os pais e mães compreendem como seus filhos os copiam, hão-de vigiar cuidadosamente cada palavra e gesto seus». — *SDA Bible Commentary* (comentário de E. G. White).

Não só há obrigações dos filhos para com os pais, mas também estes têm certas obrigações para com aqueles. Embora todos os pais façam jus ao respeito, antes de mais nada têm de eles merecer esse respeito. Os filhos têm direito a privilégios de acordo com sua idade, mas deve-se ensinar-lhes que esses privilégios têm de ser ganhos pelo esforço. O lar é uma instituição cooperativa, onde se mantém um feliz equilíbrio entre direitos e privilégios de todos os seus membros.

Martinho Lutero dizia: «Poupa a vara e estraga o teu filho». E então acrescentava: «Isto é verdade; mas junto da vara mantém uma maçã, para lhe dar quando proceder bem».

Que lugar deve ter a disciplina na vida de crianças já crescidas? Em que espírito deve ser administrada? Que espécie de disciplina existem?

Pergs. 8 e 9. S. Marc. 10:14. «Pudesse ser-nos revelada a vida posterior daquele pequeno grupo, e veríamos as mães recordando aos filhos a cena daquele dia, e repetindo-lhes as amoráveis palavras do Salvador. Veríamos, também, quantas vezes, em anos posteriores, a memória dessas palavras — guardou os filhos de se desviarem da vereda feita para os remidos do Senhor». — *ST*, 18 de Dez. de 1907, E. G. White.

(S. Mat. 18:1-6). Observa Barclay que a criança tem três grandes qualidades que a tornam um símbolo dos cidadãos do reino de Deus. Acentua ele como primeira, a *humildade*. Depois a *dependência* — uma natural e perfeita dependência dos que a amam e dela cuidam. Em terceiro lugar, a *confiança*. Instintivamente dependente, é a criança também instintivamente confiante de que suas necessidades hão-de ser satisfeitas pelos pais.

Para Meditar

1. Quando é a pessoa demasiado jovem para trabalhar pelo Senhor? Quando é velha demais?

2. Que maneiras poderíamos sugerir para que os jovens da igreja, hoje, pudessem tomar uma parte maior nas actividades da igreja?

3. Se os jovens da vossa igreja parecem indiferentes às oportunidades de darem testemunho, como poderão ser levados ao serviço?

4. Neste tempo de lares esfacelados e de delinquência juvenil, que responsabilidade tem o lar cristão na comunidade?

LIÇÃO 2 — 14 DE OUTUBRO DE 1961

Estudos de Contrastes de Carácter

VERSO ÁUREO: 1 S. Ped. 14:16.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições.

ALVO DA LIÇÃO: Lembrar-nos de que é unicamente mediante a obediência e educação à vontade de Deus que a nossa vida Lhe será aceitável.

Introdução

«A resistência do carácter consiste em duas coisas — força de vontade, e domínio de si mesmo. Muitos jovens confundem paixões fortes e não controladas com firmeza de carácter; a verdade, porém, é que aquele que é regido pelas suas paixões é um fraco. A verdadeira grandeza e nobreza do homem mede-se pela sua capacidade de vencer os próprios sentimentos, e não pela capacidade desses sentimentos para vencê-lo. O homem mais forte é aquele que, conquanto sensível à ofensa, restringe ainda a paixão, e perdoa aos inimigos». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 412.

Notas Interessantes

Perg. 1. Gén. 4:1. «Alcancei do Senhor um varão. «O original hebraico diz literalmente: 'Alcancei um homem, o Senhor'. Quando Eva segurou nos braços o seu primogénito, lembrou-se evidentemente da promessa divina do cap. 3:15, e, entendendo a esperança de que ele seria o prometido Libertador, nomeou-o *Qayin*, (recebido, alcançado, adquirido). [Em *O Desejado de Todas as Nações* há uma referência interessante]. Ilusória esperança! O seu grande anseio pelo breve cumprimento da promessa evangélica estava condenado à mais cruciante decepção. Pouco pensaria ela que aquela mesma criança se havia de tornar o primeiro homicida do Mundo!». — *SDA Bible Commentary*.

Pergs. 2 e 3. O facto de ser um dos irmãos lavrador e o outro pastor de ovelhas, nada tem que ver com o seu carácter moral. A escolha da profissão geralmente tem que ver com os interesses e habi-

lidades, e a vocação (se é digna de escolha) não afecta necessariamente o carácter da pessoa. O livro *Patriarcas e Profetas* descreve de maneira interessante a grande diferença de carácter dos dois filhos de Adão.

Pérg. 4. Gén. 4:8. De certo Caím não pretendia matar Abel. O homicídio era coisa nunca vista no Mundo. Caím vira uma ovelha morta, mas nunca um homem morto.

O ódio irrefreado foi a causa desse homicídio. Um dos perigos do mal, abrigado em qualquer forma, é que ele sempre excede as nossas intenções.

«Podemos cometer homicídio de modos mais subtis do que fisicamente. Passamos adiante algum venenoso boato, não por malícia propriamente dita, mas pelo prazer de dizer algo excitante; e então estranhámos ao ler no jornal que o homem que ajudámos a caluniar suicidou-se, ou que o casal que ajudámos a difamar se separou». — *Interpreter's Bible*, vol. 1, pág. 517.

Pérg. 5. I Sam. 1:28. «Durante os primeiros três anos da vida de Samuel, o profeta, sua mãe ensinou-lhe cuidadosamente a distinguir entre o bem e o mal. Por meio de qualquer objecto familiar que lhe estivesse próximo, procurava dirigir os seus pensamentos para o Criador. Em cumprimento de seu voto de dar ao Senhor o seu filho, com grande abnegação colocou-o sob os cuidados de Eli, o sumo sacerdote, a fim de ser preparado para o serviço na casa de Deus. Embora a juventude de Samuel se passasse no tabernáculo dedicado ao culto de Deus, não estava ele livre de más influências ou exemplo pecaminoso. Os filhos de Eli não temiam a Deus nem honravam o seu pai; Samuel, porém, não buscava a sua companhia nem seguia os seus maus caminhos. A educação que recebera na infância, levou-o a manter a sua integridade cristã. Que recompensa foi a de Ana! e que animação à fidelidade não é o seu exemplo! — *RH*, 8 de set. de 1904. E. G. White.

Pérg. 8 e 9. I Sam. 2:12. «Pais cristãos, se desejais trabalhar para o Senhor, começai com os vossos pequenos, no lar. Se manifestardes tacto, sabedoria e o temor de Deus na direcção de vossos filhos, poderão ser-vos confiadas responsabilidades maiores. O verdadeiro esforço cristão começará no lar, e sairá desse centro para abranger campos mais vastos. Uma alma salva no vosso próprio círculo familiar ou na vossa vizinhança, mediante o vosso labor paciente e esforçado, trará ao nome de Cristo tanta honra, e brilhará com tanto fulgor na vossa coroa, como se houvésseis encontrado essa alma na China ou na Índia». — *ST*, 10 de nov. de 1881, E. G. White.

Pérg. 10. II Sam. 12:10. «A história de David não fornece defesa ao pecado. Era quando ele andava no conselho de Deus que era chamado homem segundo o coração de Deus. Pecando, isso deixou de ser verdade com relação a ele, até que pelo arrependimento voltou ao Senhor». — *Patriarcas e Profetas*, pág. 809.

Muitas vezes se faz a pergunta: «Por que teve David de sofrer tanto? Pois então Deus não lhe perdoou?».

«Embora David se arrependesse de seu pecado, e fosse perdoado e aceito pelo Senhor, ceifou a messe funesta da semente que ele próprio semeara. Os juízos sobre ele e a sua casa testificam da aversão de Deus ao pecado». — *Ibidem*.

Devia David ter corrigido os pecados de seus próprios filhos, e exercido a disciplina paterna. «A intuição da sua culpa conservava-o silencioso quando ele devia ter condenado o pecado; tornava fraco o seu braço para executar a justiça em sua casa. O seu mau exemplo exerceu influência sobre os seus filhos, e Deus não interviria para impedir o resultado». — *Ibidem*.

Para Meditar

1. Suponhamos que Samuel, na juventude, tivesse deixado de transmitir a mensagem de Deus, temendo ofender a Eli: teria isso afectado sua vida posterior?

2. Em que extensão deve um pai ou mãe corrigir em seu filho os mesmos pecados que ele ou ela cometeu?

3. Quais eram os característicos principais de Josias?

LIÇÃO 3 — 21 DE OUTUBRO DE 1961

O Triunfo na Prova Suprema

VERSO AUREO: Gén. 26:4.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições.

ALVO DA LIÇÃO: Ensinar a importante e paradoxal verdade de que a fraqueza humana pode tornar-se uma força sobre-humana, sob o controle de Deus.

Introdução

«Isac tinha sido educado desde a meninice a uma obediência pronta e confiante, e, ao ser o propósito de Deus manifesto perante ele, entregou-se com voluntária submissão. Era ele participante da fé de Abraão, e sentia-se honrado em ser chamado a dar a vida em oferta a Deus. Ternamente procura aliviar a dor do pai, e acorrego as suas mãos desfalecidas a amarrarem as cordas que o prendem ao altar». — *Patriarcas e Profetas*, págs. 163 e 164.

Notas Interessantes

Perg. 2. Gén. 16:15. Abraão não aprovava a poligamia. Era estrito monógamo, homem de uma só esposa. Naqueles dias, porém, era prática comum ter mais de uma esposa. Neste sistema, havia uma esposa reconhecida como a esposa principal e, de acordo com o costume, os filhos das esposas subordinadas eram considerados filhos dela.

Dando ouvidos à sugestão da conveniência, feita pela esposa, Abraão deu ouvidos à palavra de Sara. Foi essa uma tentação perigosa, e especialmente difícil para que Abraão lhe resistisse, visto provir de Sara, objecto do seu amor e afeição, e aquela que estava magnânimamente disposta a fazer tão grande sacrifício, a fim de obter a prometida bênção de Deus.

«Devemos ser muito cuidadosos ao seguirmos as sugestões de qualquer pessoa que não esteja tão avançada como nós na vida divina. Aquilo que pode parecer direito a eles, pode ser terrivelmente errado para nós. E devemos ser especialmente cuidadosos em analisar e pesar quaisquer propostas que harmonizem completamente com as tendências de nossa vida natural. 'Se... a mulher do teu amor, ou teu amigo que amas como à tua alma, te incitar em segredo, ... não concordarás com ele, nem o ouvirás; não o olharás com piedade, não o pouparás' (Deut. 13:6-8). Mas não indicará a inclinação da alma a essas sugestões, quão longe está a natureza-própria de estar morta?». — F. B. Meyer, *Abraham*.

Perg. 6. Gén. 17:20 e 21. Os descendentes de Ismael eram conhecidos como ismaelitas. Levavam vida muito nômade, em regiões desertas do actual norte da Arábia e oriente da Síria. São também chamados árabes, e ainda hoje estes julgam-se descendentes de Ismael.

No caso em estudo vemos que, a despeito das imperfeições e fracassos humanos quanto a buscar a guia divina, Deus ouve e atende orações em situações atrapalhadas e confusas. O concerto de Deus devia ser cumprido por meio de Isac, mas nem por isso devia Ismael ser privado do favor divino. Abraão havia orado a favor de Ismael; e sua oração foi atendida.

Perg. 7 e 8. Gén. 22:1 e 2. «Para nossos benefício é que se acha relatado este acto de fé, de Abraão. Ensina-nos a grande lição da confiança nas reivindicações de Deus, por íntimas e pungentes que nos sejam; e ensina aos filhos a perfeita submissão aos pais e a Deus. Pela obediência de Abraão é-nos ensinado que coisa alguma é demasiado preciosa para darmos a Deus. — ST, 27 de jan. de 1887. E. G. White. (É extraordinariamente viva e comovedora a descrição que o livro *Patriarcas e Profetas* dá do incidente. Vale a pena lê-la toda).

Perg 9. Gén. 22:7. Bem podemos imaginar a luta íntima de Abraão, nessa noite. Entretanto, não murmurou, não se aconselhou com a carne e o sangue, submeteu os sentimentos e a própria razão à ordem de Deus.

Mesmo nessa cena comovedora convém observar a cortesia e respeito que Isac demonstrou para com o pai.

«Essa expressão de ternura deve ter dilacerado o coração de Abraão. Usada por Isac, jovem bem-educado de culta família semita, essa forma de dirigir-se a alguém significava o seu desejo de fazer uma pergunta. Nenhum filho bem-educado naquele tempo, ousava fazer perguntas ou afirmativas na presença dos pais, sem primeiro receber permissão para isso. Abraão deu essa permissão, respondendo: 'Eis-me aqui, meu filho!'. — SDA Bible Commentary.

A ternura dessa cena só é sobrepujada pelo Getsémani e o Calvário. Da experiência de Abraão, podemos aprender, em certa extensão, o sentido do grande amor de Deus por Seu Filho unigénito, assim como por nós.

Pergs. 10 e 11. Gén. 22:11. «A oferta de Isac, designava-a Deus para prefigurar o sacrifício de Seu Filho. Isac era símbolo do Filho de Deus, oferecido em sacrifício pelos pecados do Mundo. Deus desejava impressionar Abraão com o evangelho de salvação aos homens; e para tornar real a verdade, e para provar-lhe a fé, ordenou que Abraão imolasse seu querido filho Isac. Toda a agonia que Abraão sofreu durante aquela terrível e tenebrosa prova, tinha o fim de impressionar profundamente o seu entendimento com o plano da redenção do homem caído». — YI, 1 de março de 1900, E. G. White.

Para Meditar

1. Até que ponto será seguro agir segundo sugestões de pessoas que não sejam tão adiantadas espiritualmente como nós?
2. Sabia Abraão que Deus pouparia Isac, quando se dispôs a oferecê-lo em sacrifício?
3. Que altar contribuiu mais para a vida espiritual de Abraão e sua família: o que ele construiu para oferecer Isac, ou o altar doméstico?

LIÇÃO 4 — 28 DE OUTUBRO DE 1961

A Jovem que se Tornou Mãe de Duas Nações

VERSO AUREO: Sal. 144:12.

LEITURA AUXILIAR: A indicada no folheto das Lições.

ALVO DA LIÇÃO: Ensinar a necessidade de permitirmos a Deus que nos guie em todas as relações da vida, e reconhecer que é o rumo de nossa vida que determina o nosso êxito ou fracasso espiritual.

Introdução

«O verdadeiro amor é um princípio elevado e santo, inteiramente diverso em seu carácter daquele amor que se desperta por um impulso e que súbitamente morre quando é severamente provado. É pela fidelidade para com o dever na casa paterna que os jovens devem preparar-se para seu lar. Praticuem eles a abnegação, e manifestem bondade, cortesia e simpatia cristã. Assim o amor será conservado vivo no coração, e quem sair de semelhante lar para, por sua vez, tornar-se chefe de família, saberá como promover a felicidade daquela que ele escolheu para companheira vitalícia. O casamento, em vez de ser o fim do amor, será tão somente o seu princípio». — *Patriarcas e Profetas*.

Notas Interessantes

Pergs. 4-6. Gén. 24:58. Embora nos países orientais a mulher tivesse pouca escolha na questão de casamento, cabia a Rebeca dar a palavra final no caso. O belo climax desse episódio da vida de Rebeca é a sua resposta: «Irei».

Um idoso ministro, conhecido autor, faz uma linda descrição da partida de Rebeca:

«Logo ao alvorecer do dia, recusando todos os convites para se demorar mais, o mordomo de Abraão pôs-se a caminho de volta, levando na sua companhia Rebeca e a sua serva; e através do embalsamado ar matinal, como que lhe voltaram ao ouvido as bênçãos proferidas por aquele punhado de corações amigos, quando cavalgando o seu camelo, e envolta em um sonho de juvenil esperança e expectativa, se lembrou das últimas vozes de seu lar. «Abençoaram a Rebeca e lhe disseram: És tu a mãe de milhares de milhares, e que a tua descendência possua a porta dos seus inimigos». — *F. B. Meyer*.

Pergs. 7-9. Gén. 24:63. «Tem de haver oração fervorosa, séria reflexão e atento meditar da parte dos que contemplam o casamento. É o seguinte o conselho de Ellen G. White: «Se os homens e mulheres têm o hábito de orar duas vezes ao dia antes de pensarem no casamento, devem orar quatro vezes ao dia quando cogitam desse passo. O casamento é alguma coisa que influenciará e afectará a vossa vida, tanto neste Mundo como no Mundo inteiro...

«A maioria dos casamentos do nosso tempo, e a maneira como se efectuam, tornam-nos um dos sinais dos últimos dias. Os homens e mulheres são tão persistentes, tão obstinados, que Deus não entra nas suas cogitações. A religião é posta à margem, como se não tivesse parte a desempenhar nessa questão solene e importante». — *The Adventist Home*, pág. 71.

Há um povo que tem este provérbio: «Vais emprender uma viagem? Reza um Pai-Nosso. Vais para a guerra? Reza dois Pais-Nosso. Vais-te casar? Reza três Pais-Nosso».

Perg. 10. Gén. 27:46. «Bem se compreende que Rebeca ficasse cansada da vida, por causa daquelas filhas de Hete! Muita moça cristã se tem casado com um descrente, na esperança de salvá-lo, e tem-se arrependido amargamente da sua escolha: tem visto desaparecer aos poucos a sua influência; e tem aprendido, tarde demais, que o Espírito Santo não coopera com os nossos esforços, se se basearem na positiva desobediência a uma das mais claras ordens da Bíblia. Se um homem lhe disser que, se não casar com ele, tomará medidas violentas ou fatais, *deixe que o faça!* Ele não tem direito de pô-la nessa situação; quer apenas tê-la em seu poder. E será um covarde grande demais para executar as suas ameaças. Faça o bem à vista de Deus; e deixe que ele resolva o caso com seu Criador». — *F. M. Meyer*.

Pergs. 11-13. Gén. 28:11 e 12. As orações de Rebeca acompanharam a Jacob na sua viagem. Era ele o filho do concerto. Mau grado as suas faltas, Deus via nele um possível representante Seu. Escreveu a Sr.^a White:

«Pensou Jacob conseguir o direito da primogenitura mediante o engano, mas viu-se desiludido. Pensou que tudo tivesse perdido — a sua comunhão com Deus, o seu lar e tudo, e ei-lo ali como decepcionado fugitivo. Porém, que fez Deus? Contemplou-o na sua situação desesperançada. Viu o seu desapontamento, e ali viu material que haveria de trazer glória a Deus. Apresenta-lhe imediatamente a escada mística, que representa a Jesus Cristo. Eis aí um homem que perdera toda a comunhão com Deus, e o Deus do Céu o considera e consente que Cristo lance uma ponte sobre o abismo causado pelo pecado. Em nosso caso, teríamos talvez pensado: Almejo ir ao Céu, mas como alcançá-lo? Não vejo nenhum jeito... Foi justamente o que Jacob pensou, e então Deus lhe mostrou a visão da escada, e essa escada ligava a Terra ao Céu, a Jesus Cristo. Pode o homem escalar-la, pois a base repousa na terra e o último degrau alcança o Céu». — *SDA Bible Commentary*, E. G. White.

Para Meditar

1. Em que sentido devem os pais participar dos planos matrimoniais de seus filhos?

2. Que tem o sistema antigo de conseguir esposa, de mais recomendável do que nosso procedimento moderno? Seria a sua resposta essa mesma, se o Irmão fosse o filho ou a filha e não o pai ou a mãe?

3. Notemos a importância da oração e meditação na vida dos patriarcas. Que lugar tem ela na vida dos azafamados homens e mulheres de nossos dias?

Este número foi visado pela Comissão de Censura